

RELIGIÃO E PATRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

ADMINISTRADOR — J. A. DE FARIÁ E SILVA.

SEM ESTAMPILHA.

Por uma serie ou 50 números.....1\$200 rs.
Por 25 números.....600 rs.
Folha avulso.....40 rs.

Annúncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondências de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares. Toda a correspondência deve ser dirigida franca de porte ao administrador d'este jornal.

PUBLICA-SE AS QUARTAS FEIRAS E SÁBADOS.

COM ESTAMPILHA.

Por uma serie ou 50 números.....1\$450 rs.
Por 25 números.....725 rs.
Folha avulso.....50 rs.

1.^a SERIE.

Quarta feira 13 de Maio de 1863.

N.º 32.

GUIMARÃES 12 DE MAIO.

A UNIFICAÇÃO DA ITALIA

VI.

Ninguém haverá de certo, que, despidido do espirito de facção, se arroje a sustentar conscienciosamente os actos de annexação na Italia. Nenhum homem versado em negocios de politica, zeloso do seu character e dignidade, os auctorisa, nem mesmo se presta a legalisal-os. Nenhum liberal dotado de probidade os approva ou lhes dá sequer o seu assentimento. Elles estão tão longe de merecerem o assenso da razão e da justiça, quanto o estão de serem conformes com os principios da verdadeira e bem entendida liberdade.

A liberdade considerada ainda mesmo segundo a lei primordial da sociedade, o direito natural, nem auctorisa, nem apoia, nem permite tudo o que tende a usurpar o direito de outro, mas antes lhe está em diametral opposição, porque se o homem, livre para obrar, adquire, por direito natural o direito de praticar a acção, tambem pelo mesmo direito natural lhe é imposto o dever de modelar a acção por uma regra tal, que não vá offender o direito do seu semelhante, e com isto se conforma toda a constituição de sociedade, baseada sobre os justissimos principios do direito, que são tambem os da liberdade.

E' certo, que toda a aggressão feita a independencia e a autonomia de povos

constituídos em nação, é um acto de nenhuma sorte conforme com o direito e portanto com a liberdade, porque, primeiro de tudo, esses povos tinham adquirido e estavam de posse do privilegio de serem independentes, e de se governarem por suas leis proprias. E' este o pensar de todos os homens conscienciosos; e é por uma tal razão que elles não concordam nem concordarão com os actos de annexação na Italia, pois que em taes actos jámais se viu acatado o direito de razão, mas sim tem-se obrado segundo o da força.

Parece, se não é a realidade, que a revolução havia reservado para mostrar na Italia em nossos dias o como tem de costume estabelecer o seu imperio entre os povos. Pois que é o que se tem feito na Italia? Attenda-se bem: os tratados, que entre os povos civilizados devem ser mantidos e fielmente observados, não têm sido alli garantidos; o direito das gentes tem sido violado: a nacionalidade offendida: a rebellião auctorizada: e a traição e a perfidia contadas como actos de heroismo e remuneradas. São estas as eminentes qualidades que caracterizam a revolução, e os homens que a seguem.

E foi obrando d'este modo — que a revolução passou por cima dos povos da Italia, aniquilando-lhes os privilegios de sua independencia e baralhando seus costumes tradicionais, objecto mais apreciavel d'un povo: — que estorvou no congresso de Zuric sem respeito a altas partes contractantes, o cumprimento das disposições do

convenio de Villa Franca, e fôuladas entre os imperadores de França e d'Austria, convenio este no qual se estatua dar-re na Italia uma organização confederativa, com o que se concedia aos povos iguaes direitos de liberdade, sem prejuizo dos soberanos, hoje desthronados: — que levou a rebellião aos estados napolitanos, aonde se deram muitos exemplos de perfidia, de desobediencia e de infidelidade: — que sem a previa declaração de guerra invadiu traçoicamente os estados da egreja depois de ter tentado alli rebellião por meio de soldados piemontezes, aos quaes muito de proposito e para este fim se lhes havia dado baixa na Toscana: — e que... diga-se tudo, tratou a grande parte do povo italiano como um bando de bárbaros.

E quem ha ahí que defenda estes actos de vandalismo na Italia? quem?... os liberaes: não os liberaes de sentimento e probidade, mas sim os liberaes impostores, que apregoando a liberdade pelas praças e ruas, e mostrando-se zelozos defensores d'ella, nos seus actos só deixam ver a tyrannia e o despotismo. — os liberaes que só reconhecem direitos para si, e nao tem conhecimento de deveres: — os liberaes em fim que só querem a liberdade para si e não para os outros.

Só elles é que defendem as annexações da Italia, porque ellas tambem são obra sua.

«Não ha quem nos tire do nosso posto, e havemos de sustental-o sempre com a dignidade propria de escriptores independentes.

O nosso posto é não consentir, que do alto da tribuna, ou das columnas da imprensa se profiram e sustentent doutrinas erroneas e heterodoxas, que offendam a moral, o dogma, e a disciplina da Igreja, assim como que vão de encontro e firam os mais legitimos interesses da patria, em que recebemos a existencia, e a qual devemos o sacrificio da nossa vida.

O nosso posto é não consentir que se desacatem impunemente as leis e instituições da santa Igreja catholica.

O nosso posto é não consentir que se toque impunemente na doutrina purissima, que nos legou, como doutrina de vida e de salvação, o purissimo Martyr do Golphtha.

O nosso posto é vigiar pelas liberdades publicas ameaçadas de naufragio no peroloso mar das immoralidades e das paixões:

O nosso posto é não deixar campêar infrene a corrupção e a desonestidade, ou ella esteja encarnada no ministerio, e na maioria faciosa que o sustenta, ou seja a vida perenne da imprensa officiosa e subsidial, que cospe quotidianamente hogdas indoleveis no penlão alvissimo que deve guiar a nobre, pura e santa missão do journalismo.

E' este o nosso posto, e não ha quem nos desaloje d'ellé, embora a outra folha

FOLHETIM.

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

RECITADAS NO VASTO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIZ

Pelo Reverendo padre FELIX n'esta Quaresma de 1863

SEGUNDA CONFERENCIA.

O MYSTERIO DA CREAÇÃO E A SCIENCIA DO MUNDO.

(Continuação).

Todos os eccos da criação repetem a palavra do nosso dogma «mysterio, mysterio!»

Bem o vêdes, e não o negamos; debaixo da claridade do dogma reconhecemos a obscuridade do mysterio. Muito differentes dos pantheistas d'além do Rheno e dos seus discipulos de Pariz, que nos apresen-

tam as suas concepções ou contrafacções philosophicas, tão cheias de trevas, como a clareza o é da evidencia, nós, filios da luz increada, proclamamos o obscuro, o mysterioso, o incomprehensivel.

Sim, nós o publicamos: o mundo creado de nada, mysterio incomprehensivel, [ponto obscuro collocado no umbral do templo da sciencia do mundo para tudo ahí esclarecer.

Mas, prestai attenção, se dizemos mysterio, não dizemos contradicção, Dizemos incomprehensibilidade e não impossibilidade. Proclamamos o obscuro, e protestamos contra o absurdo. E, antes de ir mais longe, quero desfazer aqui a nuvem, que o sol vos esconde e vos impede a luz, a nuvem da objecção metaphisica.

O mundo tirado do nada parece-vos uma impossibilidade absoluta. O nada, dizeis, não se pode tornar o ser. O dogma catholico quebra-se no escolho do axioma philosophico «de nada, nada se faz» ex nihilo nihil fit. E, chamando em auxilio do axio-

ma philosophico o axioma mathematico, accrescentaes para nos confundir mais scientificamente: zero multiplicado por si mesmo nunca pôde crear uma quantidade, fica eternamente zero. D'este modo o nada, embora imagineis fazer d'elle alguma cousa, não deverá jámais passar a existencia. A metaphisica se oppõe a isto, a algebra o prohibe, a sciencia vos faz sustar e vos pulverisa exactamente no vosso primeiro ponto de partida.

Ah! tendes razão; se professantes este absurdo, estamos vencidos e a vossa sciencia possui logo no começo a razão do nosso dogma.

Mas, em nome da vossa imparcial justiça, pergunto: quem entre nós tem ensinado que, segundo o dogma catholico da criação, nada se torna alguma cousa?

De um relance notaes entre as cousas relações, que não haveis percebido; um mundo de idéas se descobre á vossa intelligencia, como um céu novo, que aos olhos se descobre. Em um dia tendes creado

um systema: hontem o systema não existia, existe hoje. Como se faz isto? De nada, nada se faz.

Bu vos vejo aqui na realidade viva do vosso ser: estaes assentados, tranquillos na immobibilidade do vosso rapensó. Ouvis um estrondo, que sôa lá fora! de repente se despertá um acto creador em vos, um acto de vontade efficaç. Uma voz soberana grita ao vosso corpo: levanta-te e caminha! Immediatamente todas as vossas fibras se movem, todos os vossos membros se estendem, todo o vosso corpo se levanta: lá caminha. Este corpo estava immovel, já se pozera em movimento; este movimento não existia, existe agora, e como pode existir? De nada, nada se faz.

Sois um grande artista; um reflexo do ideal cae sobre vós; vossos olhos se accendem, vossa fronte se illumina; dizeis, vamos, façamos um primor de obra. Em dez horas, ou ainda menos, n'uma hora talvez, a vossa idéa se desenha na tela: apparece uma figura, que, contemplao lo-vos, parece-

da localidade, na impossibilidade de poder impunemente impor ali as suas erroneas doutrinas como specimen de orthodoxia tanto na parte moral, como na parte economica, estrebuche nas durissimas contorções do desespero, e venha, pela porta travessa, pedir-nos que a deixemos viver vida folgada e alegre.

«O «Vimaranense» e sempre o «Vimaranense», sim, enquanto o não virmos desistir do intento de illudir o povo, insinuando-lhe doutrinas anti-christãs e anti-catholicas, fazendo a apothose dos coriphaeus da impiedade, sustentando e defendendo as medidas mais revolucionarias, e mais injustas e iniquas do ministerio.

E a proposito destas medidas digamos duas palavras ao outro articulista, que se atreve a pôr a sua penna na primeira pagina (foi lapso: elle escreve na segunda) do Vimaranense para nos dar a certeza de que estava bem habilitado para responder aos nossos argumentos capciosos (?) mas que não ousou fazê-lo, ainda que depois sempre tivesse esta ousadia.

Diz elle que aos deputados é que cumpre examinar pelo orçamento se a rasão dos encargos onerosos que pesam sobre o thesouro é razoavel e justa.

Ainda d'esta vez estamos d'accordo; mas é preciso que não venha depois uma maioria assalariada e facciosa tornar inuteis, pela fava, como sempre acontece, as demonstrações rigorosas e lucidas que os deputados honestos e independentes têm feito e estão fazendo sobre os desperdicios e esbanjamentos da situação.

Quem não viu, ainda há pouco, na discussão da questão sujeita, como a facciosa maioria que sustenta o gabinete, passou por cima da verdade dos principios e da lucidez da argumentação d'alguns deputados, que combateram a proposta, e foi abafar a rectidão e justiça dos principios com uma votação venal e inconsciente?

Avalie-se por aqui o resto, e digam-nos depois se ha rasão que justifique o augmento do imposto.

Diz ainda depois o articulista, que se o orçamento contém despesas de luxo ou inuteis, compete aos deputados cortal-as.

Ainda aqui temos a mesma confusão de deputados independentes, com deputados eunuchos dos bachás que estão do ministerio, e ainda temos porisso a mesma resposta. Maiorias facciosas, que seguem antes a indicação do ministro do que o voto da sua consciencia, não podem servir para se fiar d'ellas uma discussão e analyse séria do orçamento.

Tudo o mais tem a mesma resposta, a-

crecendo somente a respeito das embaixadas de luxo, que, como não sabemos, em que lei ellas são assim ordenadas, nem em que artigo d'ella se manda que, para apartar um homem de Portugal, se lhe satisfaçam quantas exigencias elle fizer, por mais desmodicas que sejam, e como a auctoridade do «Vimaranense» é para nós suspeita n'esta materia, exigimos, que se nos aponte a lei que manda essas embaixadas orientaes, e o artigo d'ella que manda satisfazer ás taes exigencias.

Já vê o tal outro articulista, que foi infeliz e que mal lhe vai, ainda mesmo com a ajuda do outro (o primeiro, queriamos dizer) que o veio despicar, e ao qual responderemos opportunamente.

Tenha paciencia; quem não sabe das das cousas não se mette a ellas, porque além de offender o melindre de quem sabe mais d'ellas, é um aviltamento muito proprio do seu orgulho de sciencia ser preciso vir outro mais habilitado despicar-o.

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. DEPUTADO PINTO COELHO, NA DISCUSSÃO DO PROJECTO DE LEI DE REFORMA DO ENSINO, NAS SESSÕES DA CAMARA DOS DEPUTADOS DE 14, 16 E 17 DE MAIO DE 1862.

Em sessão de 16 de Maio

(Continuação).

Argumentou-se tambem contra o voto de obediencia.

Disse-se que era incompativel com a liberdade, proclamada na carta, todo o instituto que dos associados exigia obediencia cega e passiva ao superior.

Tem-se mesmo repetido, e passado como senha, n'esta discussão, que o frade é para o geral da ordem, como «a lima na mão do operario.»

O que entendem, perguntarei eu, por obediencia passiva os que produzem este argumento?

É a obediencia em tudo e por tudo, justo ou injusto, licito ou illicito?

É a obediencia cega, que priva o individuo do uso da sua intelligencia e liberdade, a todos os respeito, e em todos os sentidos?

Se assim é, essa obediencia nem se professa, nem se usa, nas ordens religiosas.

Agora, se se chama obediencia passiva a que presta um certo numero de individuos a tudo o que o legitimo superior lhes ordena para certo fim, conforme certa lei, e dentro dos limites d'esta — se é a essa obediencia que aqui se declara incompativel

com a carta: apressemo-nos todos a procrever o exercito por que lá ha tambem, e lá se pratica essa obediencia passiva.

E ha-a, igualmente rigorosa em principio; e muito mais rigorosa na execução.

As desobediencias no claustro são castigadas com penas, principalmente espirituaes, que o arrependimento emenda e repara, se foram justas; e que a providencia divina premeia até, se foram immerecidas.

As desobediencias no exercito castigam-se, pelo contrario, com chibatadas e fuzilamentos, que nenhum arrependimento, emenda, e nenhuma reparação admittem.

Diz-me-bão que a obediencia do soldado só se exige legalmente em objectos militares: e eu respondo que a obediencia do frade tambem se exige somente nos objectos da ordem.

É sinceramente que dizem inconstitucional essa obediencia? Levantem-se então, e proclamem... deixem que use das suas proprias palavras... proclamem a emancipação do exercito.

Ficam sentados?... Permittam-me que lhes diga que não é contra a obediencia passiva que clamam: é contra as ordens religiosas.

E clamam contra ellas, e não contra o exercito: porque querem o exercito para se defenderem a si; e não querem a Religião defendida pelas ordens monasticas.

O illustre signatario do voto em separado deu-nos com grande triumpho obtido pela reacção, a perda do nosso padroado na China, e o perigo em que está ainda hoje o padroado da India.

Sabe o illustre deputado a quem se devem esses tristissimos resultados? Não é á reacção: é aos que não querem ordens religiosas.

É preciso que nos convençamos todos de que sem missões, não ha meio algum efficaz de manter o padroado: e as missões não são possiveis, na larga escala em que as precisamos, sem a associação religiosa.

Perdemos por falta d'ellas o padroado da China; e havemos de perder o da India se se presistir no erro.

O nobre ministro da marinha lamentou o outro dia, que os missionarios do Minho se não offerecessem a ir para a Africa.

Essa lamentação não é nova: já aqui a tenho ouvido por varias vezes.

Mas permitta-me o sr. ministro que lhe pergunte:

Quando o governo viu ha pouco violado o nosso territorio pelos negros do sertão, a quem se dirigiu para vingar a affronta, e

repellir a offensa nacional — foi aos seus empregados civis, ou a milicia nacional?

Dos civis — nem sequer se lembrou.

Dirigiu-se ao exercito; dirigiu-se ao batalhão, que havia d'ir; e ordenou-lhe que fosse, debaixo da união e disciplina militar, manter a inviolabilidade do territorio nacional, e fazer respeitar as quintas portaguezas.

Sr. presidente, a Religião tem tambem os seus empregados civis, e o seu exercito militante.

Os empregados civis do Catholicismo são o clero secular. O exercito, a milicia catholica, são as ordens regulares.

Quer o governo defender na Asia, e na Africa os interesses espirituaes da Egreja e do Estado?

Não se dirija ao clero secular, que, sem outra ligação entre si mais do que a proveniente da hierarchia ecclesiastica, é de todo inhabil para empresas d'esta ordem.

Dirija-se ao clero regular: e em vez de o desprezar e injuriar, peça-lhe o auxilio da sua Religião, da sua disciplina, da sua vocação, e da sua especial organização em beneficio da Egreja e do Estado.

É assim que se organizam e se praticam as missões, quando se quer que ellas vão longe da patria, a paizes inhospitos ou selvagens, a climas diversos e malféficos.

Sempre assim se faz: assim se fez, e assim se hade fazer sempre.

Se querem que a religião vá ainda hoje, como já foi, adiante da espada, aonde a espada nunca chegou, façam o que se fez nas nossas antigas eras de gloria de poder.

Aprendam na historia que tem muita que aprender: estudem-na; e verão que maior parte das nossas glorias, e das nossas conquistas d'além mar, foram os missionarios, foram os frades, quem nobas fizeram.

Os soldados iam depois sustental-as com as armas; e não poucas vezes as pediram, ou poseram em risco com os seus excessos.

Mas quem as faziam eram os frades como Cruz, com a palavra, com o exemplo, com o auxilio evangelico.

É assim que faz ainda hoje a França catholica; e assim o faz tambem a Inglaterra protestante.

A França manda os frades: como a Inglaterra manda os missionarios da propaganda heretica.

Vós andais aqui, ha 30 annos, a lutar e a organizar uma nova forma de instituições, para dispensar os frades; e o mundo?

dizer-vos, «eis-me, a vossa criação, eu, o primogenito do vosso genio. Hontem esta obra não existia, existe agora, como pode isto ser? De nada nada se faz.»

Ah! eu ouço-vos dizer «a força intellectual creou o systema, a força motora creou o movimento, a força inspiradora creou o primor d'arte.»

Sim; comprehendo-vos: estas creações relativas têm a sua rasão de ser; o nada não é a sua causa; a causa é a força intellectual, a força motora, a força inspiradora; muito bem! Respondemos é a força creadora!

A causa infinitamente poderosa e infinitamente efficaz assim o quiz: ella disse — fiat, e o mundo, que não existia, existiu.

O que ha pois de commun entre esta solução da existencia e este axioma da metaphisica *ex nihilo nihil fit*? E o que vem fazer aqui as vossas formulas algebricas? que me importa que zero, isto é o nada da quantidade, multiplicado por zero não

dê em resultado senão zero ou nada de quantidade?

Pois nós pretendemos que o nada multiplicado por nada dê alguma coisa? Se seguir-vos quizeramos n'este dominio da abstracção mathematica, tão profundamente separada do mundo da realidade, poderamos voltar contra vós as armas, que aliaes contra nós. Não sois vós, que nos ensinastes e nos forças a reconhecer, na luz da evidencia, que zero multiplicado pelo infinito representa uma quantidade qualquer? Que ha pois de espantoso, que na ordem das existencias o nada fecundado pelo poder infinito se torne o mundo, ou antes que o mundo, que não existia, saia do seu nada pelo poder infinito? Eu vos pergunto: aonde está aqui o impossivel? aonde o absurdo, aonde o contralictorio? O impossivel só está na idéa falsa, que fazeis do acto creator; o absurdo só está na negação d'este acto creator, unica rasão scientifica da existencia das cousas, e o contralictorio só está na hypothese de uma crea-

ção, que não cria do nada, isto é, de uma criação, que não é criação.

Mas insistis sempre em nome da sciencia, e, para nos convencer d'absurdo, e impellir-nos á contradicção, dizeis: «se o mundo começa, e, se é o seu ser é a sua substancia, que sae do nada, não vedes que a substancia do ser creado accrescentada á substancia do ser creator, augmenta a somata do ser e constitue um accrescimento do infinito, uma quantidade de ser além e fóra do infinito, e como se diz em linguagem mathematica, o infinito mais alguma coisa?... Ora, esta hypothese é admissivel logica e metaphisicamente? Como posso conceber que a criação augmente uma somma de ser ao infinito, que preexiste á criação? E, se pretendeis que nada accrescenta, como affirmastes que o acto do creator tira verdadeiramente alguma coisa do nada?... Se vos é possivel, tirai-vos d'esta difficuldade.

O acto creator faz sahir do nada a quantidade do ser, que constitue a substancia

do mundo? e n'este caso como não aqui um accrescimento do ser? E, se ha accrescimento da substancia e do ser, o que é infinito?...?

Logo ou não ha criação do nada, ou finito no creator.

Bem vedes; não procuro declinar e minorar a objecção, e não imagino que façaes objecção maior e mais radical. Quereis saber o que demonstra antes tudo esta objecção? Demonstra nos philosophos ou nos sabios, que a fazem, a serie da sua concepção do infinito creado. O que é esta metaphisica, que consiste em ser infinito e o ser finito como duas entidades juntando-se uma á outra, e n'este ponto desconhece a essencia da realidade?

(Ctina)

a, que chegastes foi a mandar por uma vez e por um supremo esforço, tres padres para Macau, que vos custaram um dinheiro louco, e que, como foram só pelo amor do lucro, chegados lá, se tornaram negociantes, e se internaram pelo celeste imperio, de modo que nunca mais soubestes d'elles.

Parece-me que ainda hoje estou a ouvir o sr. Visconde de Sá lamentar-se d'esse engano; de que de certo se não lamentaria se tivesse recorrido ás missões, como estão organisadas pela Igreja; aquellas que trabalham pelo interesse religioso, e não pelo interesse mundano: aquellas que de certo iam a Macau, e irão ainda hoje á India, ou á Africa, não com a esperança, e com o fim de colher ouro para si, mas o de ganhar almas para o Céu.

Quereis saber o que a França fez ainda em 1852?

Admittindo, como admittiu, antes d'essa época as ordens religiosas, tinha com tudo excluido os jesuitas.

Não os expulsou do paiz natal; nem lhes prohibiu, que vivessem em commum; nem tractou de saber a quem elles obedeciam nas suas relações particulares e domesticas.

Negou-lhes porém... permitta-me v. ex.ª e o sr. Ferrer, que eu tambem, e por esta vez somente, falle n'isto... negou-lhes a entidade juridica: negou-lhes que elles em publico, ostensiva e civilmente, se apresentassem com o caracter legal de associação.

Em 1852 porém, se bem me lembrar quiz o governo francez organisar nas illas de Caienna, e na Guiana franceza estabelecimentos penitenciarios.

Esses estabelecimentos deviam servir para asilo e correção de assassinos, de ladrões, de condemnados politicos, e dos negros mais incorregiveis da Martinica e Guadalupe: e o governo tratou por isso de organisar n'elles, e fortemente os socorros catholicos.

Para esse fim, dirigiu-se primeiramente ao clero secular, que allegou a sua desconexão natural e a sua consequente inhabilidade para essa missão.

Dirigiu-se depois ás ordens religiosas admittidas em França; que pela falta de pessoal, e pelas missões de que já estavam encarregadas, não poderam tomar mais esta.

(Continúa).

EXTERIOR.

(HAVAS BULLIER E.C.ª DE PARIS)

Madrid 4 de Maio — ás 10 horas e minutos 58 da noite

Veraeruz 5 de Abril — Berthier derrotou a Comonfort que marchava a soccorro Puebla. O general Forey exigiu que Ortega se rendesse á descripção. As senhoras de Puebla rogaram ao general francez que poupasse a cidade. Forey respondeu que tomaria Puebla sem empregar a artilheria. Ortega fez uma sortida com 15.000 homens, mas foi obrigado a recolher-se á cidade com perdas consideraveis

Barcelona, 29.

O theatro de circo barcelonez não é mais que um montão de ruinas!

Pelas tres horas da madrugada de hoje se descobriu n'aquelle theatro um incen-

dio tão violento que ás 6 da manhã estava reduzido a cinzas.

Aos esforços e determinações acertadas das auctoridades se deve a salvação dos edificios proximos.

Não ha, felizmente, desgraças pessoais a lamentar.

Paris, 27,

Segundo a Nação é inexacta a noticia da agencia Havas, dizendo que o ataque de Puebla só teria logar no meado do presente mez. De um para outro dia espera-se a noticia da tomada d'esta cidade.

Espera-se com ansiedade a resposta da Russia ás notas sobre os negocios da Polonia.

Pela direcção do correio d'esta cidade foi-lhos communicado o seguinte:

Acham-se retidas no correio d'esta cidade por falta de sellos as cartas seguintes. *Posta interna* — Antonio Joaquim Ferreira Eça e Leiva — Joaquim Leite de Faria — José Vieira Cardoso — Maria Josefa no Sabugal. —

Para o Brazil — Antonio Joaquim da Silva — Custodio Pereira da Silva Guimarães. —

Para a Galiza — Antonia Carlullo y Meixal — Antonio Soto — José Garcia — Rosa Gardin.

Direcção do correio de Guimarães, 13 de Maio de 1863.

O DIRECTOR,

M. Freire d'Andrade.

LISBOA 8 DE MAIO

(CORRESPONDENCIA PARTICULAR)

O orçamento geral do estado entrou em discussão na camara dos snrs. deputados: chegou por tanto a occasião de serem apreciados os actos da gerencia financeira do actual ministerio.

E' n'esta discussão importante, que os representantes do povo tem restricta obrigação de examinareem o modo como governo tem gerido os dinheiros publicos, e o uso que tem feito das auctorisações que lhe foram concedidas em diferentes leis.

Suscitou-se uma questão preliminar sobre o modo como se devia discutir o orçamento: apresentaram-se dois alvitreos que tendo de commum a idéa de que houvesse uma discussão na generalidade, differiam contudo na parte que dizia respeito á discussão na especialidade.

A fracção *petulantemente reaccionaria*, como lhe chamou o sr. José Estevão, opinava que a discussão da especialidade tivesse lugar por ministerios, votando-se por capitulos.

A escola liberal representada pela fracção opposicionista sustentou, como sempre, em harmonia com os principios liberaes e com os precedentes parlamentares — a discussão da especialidade por capitulos.

O sr. Lobo de Avila e os oradores ministeriaes fizeram os maiores esforços para convencer a camara de que devia rejeitar o alvitro proposto pelo chefe da opposição; porém d'esta vez as prerogativas parlamentares não foram cercadas, porque

a camara deliberou discutir o orçamento na generalidade, e na especialidade por capitulos, por 62 votos contra 59.

Encetou o debate o sr. Carlos Bento que se limitou a demonstrar que a cifra em que a commissão da fazenda tinha computado o deficit estava muito longe da verdade, e pediu ao sr. ministro da fazenda que lizesse uma exposição clara e franca da situação, em que se acha a nossa divida fluctuante, e que dissesse qual o numero das inscripções que estão empenhadas, qual o numero d'aquellas que estão disponiveis nas mãos do governo; e quaes são os titulos do thesouro, que ha-de servir para levantar fundos em relação á divida fluctuante.

O zelo com que o illustre deputado procura chegar á verdade nas questões financeiras é digno dos nosos encomios, mas esteja certo de que o governo hade tergiversar na resposta.

O sr. relator da commissão acastellando muitos algarismos tractou de defender o ministerio das accusações, que elle imaginava lhe haviam de ser feitas durante o debate, e não tomou sobre si o encargo de elucidar o congresso legislativo sobre os pontos referidos.

Sucedeu-se na tribuna o sr. Beirão, que elevando-se á altura de um financeiro emminente discursou largamente sobre o estado da fazenda de Portugal em 1863, e demonstrou, que n'estes ultimos trinta e tres annos de gerencia as rendas do erario tinham duplicado ao passo que a nossa divida fundada tinha quadruplicado; que este estado pouco lisonjeiro não podia continuar, e que era mister remedial-o de prompto, porque augmentando a divida n'esta progressão, facil seria prever o momento, em que havemos de desaparecer do numero das nações.

O illustre deputado levantando uma ponta do véo que encobre o futuro mostrou haverem dois factos, que aproveitados convenientemente resolvão o problema — a agricultura, como a nossa primeira e unica industria — a Inglaterra, como grande mercado para consumir os nossos productos: mas para isto forçoso é que a agricultura não seja unia rotina, mas uma sciencia, que se estabeleçam bancos ruraes, onde o lavrador encontre capitales a juro modico, e que se desenvolvam em larga escala as obras publicas, para que os productos possam ser facilmente transportados aos diferentes mercados.

Concluiu o seti discurso combatendo van tajosamente o emprestimo dos cinco milhões de libras como prejudicial aos interesses do thesouro.

Na sessão seguinte as galerias se apinharam de espectadores, porque estava annunciado o discurso do sr. Casal Ribeiro, que sem duvida é o nosso primeiro financeiro.

S. ex.ª correspondeo á expectativa, mostrando que o estado da fazenda era grave, mas não desesperado, que o quadro se tinha luz, tambem tinha sombra, não convingo exagerar uma, nem esconder outras: expoz com toda a clareza qual o estado da nossa divida fluctuante e fundada não dando razão de preferencia a nenhuma, porque o dever é sempre mau, e o melhor era deter o menos possivel.

Fez extensas considerações sobre o deficit, que para o futuro anno economico não deveria ser orçado em menos de 2,200 contos e não em 1,400 contos, como calculou a commissão.

Percorrendo o capitulo das despesas, fez uma apreciação comparativa sobre a gerencia financeira dos diversos ministe-

rios desde 1856 até hoje, e notou que a administração de 1859 tendo augmentado as despesas em 300 contos, legou contudo aos seus successores meios mais que sufficientes para occorrer a ellas, e que ao contrario os gabinetes presididos pelo sr. duque de Loulé tinham ido muito além d'aquella cifra, augmentando os encargos em 1,200 contos na divida fundada, e em 300 contos na divida fluctuante.

O sr. Casal Ribeiro mostrou mais uma vez a sua competência em assumptos d'esta ordem; argumentando com a maior lealdade e clareza e apreciando rigorosamente a receita e a despesa do estado por um notavel discurso, que fez bastante impressão, e se não pôde convencer a maioria facciosa, que culloca a conservação do ministerio acima de todas as considerações, fallou a verdade ao seu paiz, o qual não pode esquecer os muitos e valiosos serviços, que lhe têm prestado sem mira na recompensa, mas só com o desejo de contribuir para o nosso engrandecimento, e de nos collocar ao lado das nações mais civilisadas.

Houve porém um ponto no discurso de s. ex.ª com que não podemos concordar, que foi o do emprestimo dos cinco milhões de libras.

Esta importante operação mereceu a sua approvação, porque a considerava vantajosa em relação ao preço dos nossos fundos, e ás circumstancias da praça de Londres, e só não approtava o modo, porque o governo tinha gerido este dinheiro, deixando de pagar subvenções aos caminhos de ferro na importancia de 3.000 contos e não tirando todas as vantagens, que podia obter no que diz respeito á divida fluctuante.

Concordamos plenamente com a opinião do distincto financeiro, quando nega ao governo o seu voto pela errada applicação, que deu aos fundos do emprestimo, porém divergimos, quando encontra vantagens na operação, que nós sempre consideramos ruinosa sob todos os pontos de vista.

Combatemos a necessidade que havia de contrahir um emprestimo tão avultado, porque subsistindo o contracto com o *Union-Bank* de Londres, o sr. Lobo d'Avila tinha alli aberto um credito de 300.000 libras pelo mesmo preço, porque estava assentado com o seu antecessor, do que resultava maior economia para o thesouro.

Não vendem os *bonds* sem auctorisação do governo, commissão de 1 por cento, e 1 por cento de juro menos do que o minimo do desconto do banco, que no decurso de alguns mezes andou sempre entre 4 e 4 1/2, era systema de certo preferido ao expediente de que lançou mão o governo, porque alli encontrava os fundos necessarios para fazer face ás despesas extraordinarias, para que estava obrigado; e além d'isto o sr. ministro da fazenda não soube aproveitar-se da abundancia de capitales, que tinham affluído á praça de Londres em consequencia da crise algodoeira, realisando o emprestimo em condições muito onerosas para o thesouro, as quaes mais tarde talvez possam trazer funestos resultados.

No Domingo passado teve lugar a inauguração da linha entre Abrantes e o Crato, para a qual tivemos a honra de sermos convidados.

O comboio partio de Lisboa ás 6 horas e 40 minutos da manhã e chegou a Santarem ás 8 horas, onde nos foi servido um almoço muito delicado e abundante.

Em seguida partio para Abrantes, onde nos esperava grande numero de pessoas, e partio do regimento n.º 11 com uma banda de muzica. Depois de uma pequena demora partimos em direcção ao Crato, onde chegamos pela uma hora da tarde.

Em todas as estações se notava grande concurrencia de povo, applaudindo com entusiasmo o maravilhoso invento, que fazia desaparecer as distancias.

Poucos momentos depois regressamos para Santarem onde chegamos ás 6 horas da tarde, e ali nos foi servido um sumptuoso e opiparo jantar.

Os convidados estavam em numero de 260, entre os quaes mencionaremos os srs. ministros das Obras Publicas, Reino e Guerra, J. A. d'Aguiar, Thiago d'Horta, Antonio de Serpa, e além d'estes alguns membros do corpo diplomatico estrangeiro, pares do reino, deputados, redactores de jornacs e muitas outras pessoas de distincção.

Foi um passeio muito agradável, havendo em tudo muita ordem, e os convidados chegaram a Lisboa ás 11 horas da noite.

Segundo ouvimos dizer terá logar nos fins de Junho a abertura de toda a linha de leste até Badajoz, e poderemos então percorrer 275 kilometros de caminhos de ferro, que se ainda não é tudo quanto desejamos, é já muito para o que temos tido.

Terminou hontem a discussão sobre a abolição dos vinculos na camara dos pares que lhe fez alterações importantes, em consequencia do que a lei terá de voltar á camara electiva, que naturalmente approva tudo, mesmo sem grande exame.

O artigo 11 que negava aos menores o beneficio de restituição *in integrum* foi rejeitado por 37 contra 36 votos.

O governo tinha feito questão ministerial do artigo, por tanto soffreu mais uma derrota, que não é senão a continuação d'este estado anormal.

Foram dois cheques formaes em menos de oito dias.

O governo quer viver contra a opinião do paiz, que não tem approvado os seus actos, quer governar contra as maiorias parlamentares, que adiando os seus insignificantes projectos, lhe significam a rejeição da sua politica, e quer sustentar-se só por vaidade e por capricho: por tanto o paiz deve reagir contra o despotismo, e fazer substituir este ministerio por outro que acate a opinião publica e respeite a lei fundamental do estado, que diariamente é calcada aos pés pelo partido, que fiel ás suas tradições, fomenta as revoluções no poder pelos seus actos.

Em consequencia da votação da camara dos pares, fallava-se hontem muito em crise ministerial, e até se indigitavam alguns nomes da parceria historica, sendo sacrificados os snrs. ministros da fazenda e marinha.

Não acreditamos que o snr. Duque de Loulé possa fazer mais uma edicção historica, mas com esta gente é tudo possível.

Continuam a affluir de todos os angulos do paiz representações contra o augmento do imposto perdial.

A imprensa ministerial não se cansa de dirigir doestos e injurias contra os signatarios das mesmas representações, e o governo nas circulares confidenciaes, que dirige aos governadores civis, insinua-lhes que empreguem todos os meios impeditivos contra o sagrado direito de petição.

Reaja o povo contra a tyrannia, que só assim poderá evitar grandes calamidades, e salvar a nação portugueza de um emminente cataclismo.

SECÇÃO NOTICIOSA.

Procição. — Fez-se domingo, por ordem da ill.^{ma} camara, a antiga procição de

S. Sebastião, em volta dos muros, acompanhada da camara.

É um voto antiquissimo, a que está obrigada a municipalidade d'este conselho.

Ladários. — Acabaram hoje os ladários, chamados vulgarmente *ladainhas de Maio*. Concorreu todos os tres dias immenso povo acompanhando a procição.

Leilão. — O leilão das prendas offerecidas em beneficio do azylo, deve começar amanhã, pelas 5 horas da tarde.

Boletim do clero e do professorado. — Recebemos o n.º 2 d'uma folha semanal, que com este titulo se publica em Lisboa.

Agradecemos a remessa, e pedimos que nos seja enviado tambem o 1.º numero, para possuir-mos a collecção completa.

Exposição. — Principiou domingo e acabou hontem a exposição das prendas offerecidas para o leilão em beneficio do asylo de infancia desvalida d'esta cidade.

A exposição foi feita nas salas do palacete do Toural. Assistiram á abertura d'ella algumas das senhoras da comissão promotora do leilão, e toda a comissão de caheiros creada para o mesmo fim.

As ex.^{mas} sr.^{as} Viscondessa de Pindella, e D. Maria da Conceição Vaz do Amaral e Napoles tomaram o lugar da presidencia.

A ex.^{ma} sr.^a D. Rosa Leocadia da Silva Peixoto não pôde comparecer, por estar de nójo.

As prendas, que foram expostas, em numero de quatro centas e tantas, formam uma magica collecção que podia figurar com muita distincção e muita honra em qualquer das principais cidades do reino, e, avançamos a dizer, até no estrangeiro.

Falta-nos espaço para darmos uma minuda resenha de todas as prendas, em que se admira o mais, perfeito trabalho artistico; com tudo não podemos deixar de apontar, entre outras muitas, as seguintes:

Huma almofada de tapete de lã, com um bordado em alto relevo, em que se admira, entre outras perfeições artisticas, a aprimorada combinação das duas unicas cores com que é feito o bordado.

—Huma colcha de *crochet*, trabalho muito perfeito e de muito valor.

—Hum nicho, quasi sanctuario, de madeira entalhada, obra muito perfeita, e d'um grande merito artistico.

—Hum quadro, com uma Senhora da Conceição, alto relevo sobre velludo preto.

—Huma cornicopia com flores — bordado a lã — alto relevo sobre tellegagem.

—Hum quadro com um ramo de flores — alto relevo a bico de alfinete, em papel.

—Hum quadro (caixilho) formando huma silva de flores: trabalho em solla, e o mais perfeito que n'aquelle genero temos visto.

—Hum quadro, com o fundo de setim azul, em que se lia o seguinte «S. E. Amor de Deus e do proximo,» letras em alto relevo, feitas do entrecasco de figueira.

—Objectos de linha, finalmente, entre os quaes sobresahiam — uma taça, com almofada, corôa, e sceptro real, e um estojo completo de costura.

Podiamos apontar como dignas de menção muito honrosa muitas outras prendas, mas, como já dissemos, falta-nos o espaço e o tempo.

A commissão foi incansavel no conseguimento d'esta magica collecção, mas vê

finalmente soroados d'um resultado surpreendente todos os seus trabalhos.

Por ultimo, faltariam a um rigoroso dever, se deixassemos de mencionar tambem aqui o incansavel zêlo e pronunciadissimo interesse, que duas senhoras da commissão têm manifestado por este leilão.

São ellas as ex.^{mas} sr.^{as} viscondessa de Pindella, D. Maria da Conceição, que além de prestarem toda a sua possível coadjuvação no conseguimento do maior numero de prendas, não deixaram nunca de occupar, durante a exposição, o lugar que lhe competia, sollemnizando com a sua presença aquella festa de trabalho e industria femimil, e animando d'este modo a inauguração do pio estabelecimento, em cujo beneficio se faz o leilão.

Necrologio. — Falleceu repentinamente em Odemira, onde era medico de partido, o nosso patricio e amigo. Doutor Manoel José Martins Newton.

Sentimos amargamente a perda d'este nosso amigo, pedimos ao Eterno que leve a alma d'elle para a eterna morada dos justos.

Contra a mordedura de cão hydrophobo. — Diz a *Correspondencia de Hespanha*, que o sr. Leon Decamps lhe remettera a seguinte receita contra a mordedura dos cães damnados.

Lava-se perfeitamente a ferida produzida pela mordedura com vinagre ou agua tepida, enxugando-a muito bem depois. Em seguida lançam-se-lhe algumas gotas de acido muriatico.

Com este simples processo affiança o sr. Decamps que ficar ãointeiramente neutralizados os effeitos do virus pernicioso.

(Vianense.)

Alerta catholicos! — Diz um jornal de Lisboa, que na alfandega d'aquella cidade têm sido admittidas a despacho grandes porções de livros anti-catholicos e biblias protestantes.

Que dos prelos da imprensa nacional têm salido livrinhos que se espalham com profusão, e que por mais d'uma vez têm sido denunciados como anti-catholicos.

Que na aula nocturna do «Gremio Popular», de que é presidente o proprietario do «Portuguez, e cuja aula é regida pela sr.^a Canuto, se adoptou para livro de leitura a biblia protestante, etc.

Querem-n'o mais claro?

(Clamor do Norte.)

Uma novidade curiosa — Em Lisboa, na rua das Portas de Santo Antonio, passaram outro dia uns poucos de gallegos carregados com cadeiras do Asylo de Mendicidade. Um curioso que ia passando, assim que viu tanta cadeira, perguntou a um dos filhos de Ponte Vedra para onde se levavam as cadeiras, ao que respondeu este: «levamol-as por ordem do sr. ministro para a função dos «pedreiros livres».

Até os bancos dos asylos de piedade figuram por ordem do governo nos subterraneos da maçonaria!

A paciencia do povo algum dia se ha-de esgotar!

(Idem.)

Boa resposta. — Porque é, perguntou *alguem* a um seu amigo, que se não restituirão os livros com fidelidade que se pedem emprestados? Por que? respondeu este, é por que é mais facil reter os livros do que o que elles contêm.

(Scholastico Eborence.)

Aos examinandos nos lyceus. — A folha official publica a seguinte portaria:

«Não tendo ainda sido publicada officialmente a lista dos estabelecimentos de en-

sino legalmente habilitados, e continuando a subsistir os motivos que deram logar á portaria de 16 de Maio do anno findo, que obstarão a que se expedissem os titulos de capacidade a todos os professores particulares e directores de collegios, a tempo de os tornar responsaveis pela execução do artigo 60.º do decreto de 10 de abril de 1860: ha por bem Sua Magestade El-Rei ordenar que os alumnos que não hajam frequentado as aulas dos lyceus nacionaes, e pretenderem ser admittidos a exames nos mesmos lyceus, sejam dispensados, ainda este anno, de apresentarem os attestados de frequência exigidos pelo n.º 3.º do artigo 58.º do citado decreto de 10 de abril.

Paco em 4 de Maio de 1863. — Anselmo José Braamcamp.»

ANNUNCIOS.

NO Juizo de Direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão Loureiro, correm editos de 30 dias a chamar quaesquer pessoas que se julgarem com direito ao campo da Agra, na freguezia de Ronfe, ou á quantia de 2005000 rs. em deposito, a requerimento dos compradores João José de Magalhaes e mulher, a cujo campo foi vendido por José Antonio Machado e mulher da mesma freguezia, aos ditos compradores. Correm desde 20 de Abril pas-a lo.

(57)

AGRADECIMENTO.

PENHORADISSIMO quanto possível, e com respeito mais profundo, agradeço infinito a todas as ex.^{mas} senhoras e fil.^{mas} ex.^{mas} snrs. que se dignaram partilhar de minha tão justa dor pela perda irreparavel que acabei de soffrer, deixando de possuir o meu querido, adorado, e sempre lembrado pae.

Protesto por este meio o mais constante reconhecimento, e pessoalmente cumprirei com o meu restricto dever.

Guimarães 30 d'Abril de 1863. Joaquim Albano Corrêa de Freitas Côrte Real.

MASTIG OSTURATEUR

Gutta-percha silicate.

JOSÉ ROUFFE

RUA DOS MERCADORES. — HOTEL PORTUENSE

Cirurgião dentista.

Uma das melhores invenções que até hoje se tem feito: a Gutta-percha silicate tem a virtude que não se encontra em nenhuma classe de metal. O dente chumbado ou obturado é da mesma cor do natural, e a operação faz-se sem experimentar dor; não cae nunca e preserva os outros dentes.

José Rouffe tem um grande sortimento de dentes mineraes de todos os preços cuja qualidade garante. elixir de Boto muito affinado por suas excellentes qualidades para diferentes enfermidades como escorbuto, aftes, e dentes abalados etc. etc. Igualmente dentaduras de todas as qualidades.

(55)

GUIMARÃES — TYPOGRAPHIA DA RELIGIÃO E PATRIA. — PRAÇA DA OLIVEIRA N.º 16.